

## Ucrânia e Coreia do Norte

Nuno Pereira de Magalhães | *Expresso* | 9 de setembro de 2022

A Guerra na Ucrânia é geograficamente distante da Coreia do Norte mas acaba por prejudicar o processo de desnuclearização deste país. Obviamente, o conflito não tem implicações fundamentais que, por si, determinem a continuidade ou o fim do programa nuclear norte-coreano. No entanto, a invasão da Ucrânia pela Rússia tem três implicações que promovem o fortalecimento desse programa.

Em primeiro lugar, o conflito na Ucrânia abre um espaço de oportunidade que estimula a realização de novos testes relacionados com o programa nuclear. A deslocação estratégica dos EUA para a Ásia-Pacífico continua a consolidar-se e, no caso da Coreia do Norte, o governo de Joe Biden tem procurado fortalecer a cooperação com os governos de Yoon Suk-yeol na Coreia do Sul e de Fumio Kishida no Japão. Contudo, face à gravidade actual e potencial do conflito, parte importante dos recursos políticos, militares e económicos dos EUA tem de ser utilizada no fortalecimento da NATO e apoio a Kiev. Isto permite aos norte-coreanos a realização de testes sem a expectativa dissuasora de respostas especialmente robustas por parte de Washington. Desde o início do conflito, Kim Jong-un tem promovido testes de mísseis balísticos com uma frequência excepcional, mas apesar de tudo não tem optado por um novo teste nuclear, uma jogada militarmente menos necessária e politicamente mais arriscada.

Em segundo lugar, a Guerra na Ucrânia contribui para legitimar politicamente as armas nucleares da Coreia do Norte. Para além da doutrina Juche, a Coreia do Norte tem legitimado o programa nuclear através da presença ameaçadora dos EUA na região. Essa narrativa tem sido robustecida com exemplos como o Iraque de Saddam Hussein e a Líbia de Muammar Gaddafi. A Ucrânia de Volodymyr Zelensky oferece um novo exemplo, quase três décadas após a assinatura do Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança de 1994. Pyongyang apoia Moscovo, culpando o imperialismo norte-americano, mas a lição essencial para os norte-coreanos é a da vulnerabilidade de uma Ucrânia não-nuclear.

A terceira implicação refere-se ao agudizar das divisões dentro da coligação de países que promovem a desnuclearização da Coreia do Norte, na qual se destacam os EUA, Rússia e China. Pequim e Moscovo concordam com a desnuclearização mas são menos avessos aos riscos de uma Coreia do Norte nuclear do que Washington. Tendo em conta o choque de interesses na Guerra na Ucrânia, Vladimir Putin e Xi Jinping estão naturalmente dispostos a tolerar, ainda mais, o desenvolvimento das capacidades nucleares norte-coreanas, dada a pressão acrescida que tal processo coloca sobre os EUA. Isto reduz ainda mais o espaço de cooperação que tinha permitido construir, mesmo que com limites na sua elaboração e aplicação, o actual regime de sanções baseado no Conselho de Segurança da ONU e no seu Comité 1718. A recente posição

rusa na revisão do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares de 1968 está directamente relacionada com a central nuclear de Zaporizhzhia, mas reflecte acima de tudo este ambiente estratégico particularmente negativo.

Concluindo, o conflito na Ucrânia prejudica a desnuclearização da Coreia do Norte, pelo que as capacidades de Pyongyang deverão continuar a desenvolver-se num futuro próximo, o que em última instância pode incluir a realização de um novo teste nuclear, especialmente se a degradação sócio-económica do país obrigar à realização de novas negociações, com o objectivo de diminuir as sanções ou alcançar benefícios económicos a troco de concessões que não ameacem a existência do programa nuclear.

<https://expresso.pt/opiniao/2022-09-08-Ucrania-e-Coreia-do-Norte-775a81d7>